

O Rio das Américas: cartografias migrantes na música do Rio de Janeiro¹

Victor Belart²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

De modo errante, percorremos aqui as pontes de comunicação da música do Rio de Janeiro com ritmos populares de demais países da América Latina. Para isso, acompanhamos algumas práticas comunicacionais de artistas migrantes que vivem no Rio e se articulam entre as cenas culturais e festas cariocas. Este trabalho segue inspiração no movimento das multcartografias que têm sido realizadas entre grupos de estudos da comunicação e música ao redor do Brasil. Para além de buscar redes fragmentadas de artistas estrangeiros em comunidades específicas, investigamos como alguns projetos musicais migrantes estabelecem-se entre os “ecotranssistemas musicais midiáticos” (LACOMBE; HERSCHMANN, 2024) da Capital Fluminense. Ao acompanhar simultaneamente bandas de música, blocos de Carnaval e até torcidas de futebol com sonoridades migrantes, este trabalho apresenta algumas pistas dos focos múltiplos que fazem a cidade se aproximar de sua própria latinidade.

Palavra-chave: latinidade; migração; cultura latina; cartografias musicais; multcartografias

Introdução:

Entre 2023 e 2024, diferentes capitais brasileiras estiveram entre os recortes de estudo de uma rede de pesquisadores de comunicação, som que atuavam a partir do intenso trabalho de campo. Essas pesquisas identificaram potencialidades de cenas musicais em espaços de menor visibilidade em cada um desses respectivos territórios. Esses estudos, entendidos como multcartografias³, apontam para o movimento errante nas entranhas da cidade como importante chave de pesquisa.

Com base nos percursos dessa investigação, este trabalho aqui proposto também mergulha nas dimensões opacas de um Rio de Janeiro musical. Dessa vez, executamos

¹ Trabalho apresentado no GP 13 - Comunicação, Música e Entretenimento, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Doutor em Comunicação (UERJ), professor substituto da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pesquisador associado ao grupo Comunicação, Arte e Cidade (CAC). E-mail: belart.victor@gmail.com

³ “Multcartografias das cidades musicais” foi um projeto proposto por pesquisadores da rede de comunicação e música no Brasil, configurado entre cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Salvador, unindo pesquisadores desses 4 estados diferentes. Este trabalho originou a obra “Cidades Musicais Invisíveis”, publicada em dois volumes e organizada por Micael Herschmann, Cíntia Sanmartin Fernandes, Jeder Janotti Junior, Jorge Cadoso Filho e Simone Luci Pereira.

este fluxo através de um olhar para uma cidade cosmopolita e migrante que se comunica pela da música. Nessa direção, a pesquisa apresenta aqui algumas pistas iniciais das conexões de uma música migrante e interamericana entrelaçada ao atual cenário musical carioca.

Desenvolvimento:

Ao tratar da música carioca e as perspectivas da latinidade, cabe destacar que trabalhos anteriores - como os de Cabanzo e Daniel (2021); Pereira e Herschmann (2018) ou Herschmann e Cabanzo (2016) - apresentaram dimensões de circuitos latinos na cidade do Rio durante os anos 2010. Essas pesquisas já ensaiavam alguns dos impactos dessas festividades conectadas aos demais circuitos da cidade. Levando em conta aqui caráter efêmero desses movimentos, que cotidianamente se transformam, buscamos identificar o quanto o atravessamento de uma música migrante se desdobra também entre os primeiros anos da década de 2020 no Rio.

Baseando-nos metodologicamente na cartografia das controvérsias (LATOUR, 2012) e na perspectiva dos ecotranssistemas musicais midiáticos (LACOMBE; HERSCHMANN, 2024)⁴, buscamos identificar o quanto essas manifestações ainda perpassam os limites de comunidades migratórias ou grupos específicos. Cabe demarcar, que essa nossa atual pesquisa não segue o tradicionalismo de um objeto linear, mas um arquipélago⁵ de questões entre a música, a arte e a migração. Elas denotam algumas aproximações transversais dessas iniciativas com demais vertentes do movimento musical carioca.

Ao investigar, por exemplo, o retorno do grupo/bloco Songoro Cosongo⁶ aos palcos da cidade para comemorar 20 anos de existência em 2025, identificamos

⁴ Lacombe e Herschmann (2024) aproximam inspiração de Donna Haraway e Bruno Latour para identificar interfaces das culturas musicais das cidades entre suas tecnologias, sua biologia e sua transitoriedade errante na vida urbana. Nesse sentido, podemos identificar o quanto esse cenário musical “latino” aqui estudado está integrado e não apartado da cidade, aproximando o Rio de Janeiro de sua próxima latinidade.

⁵ Fernandes; Barroso e Belart (2024) propõem a metáfora de Cidades-Aquipélago para pensar estruturas nos cenários musicais da cidade em ilhas e redes que se comunicam para além de configurações modernas de centro e periferia.

⁶ Herschmann e Cabanzo (2016) investigam este grupo, apontado como uma das grandes influências para a transformação do Carnaval de rua carioca nos anos 2000 com sonoridades internacionais para além do samba e das marchinhas. Em 2025, esse grupo anunciou retorno e todos os seus integrantes foram ouvidos para execução desta nossa presente pesquisa em uma perspectiva de entender atuais desdobramentos do trabalho do grupo.

inspirações e atravessamentos performativos desse grupo com a cultura do circo na cidade. Além disso, podemos identificar seus impactos cíclicos em performances de grupos do Carnaval e das fanfarras do Rio.

Ao praticar uma escuta com os integrantes da banda Saoko, que aproxima ritmos da salsa, merengue e outros ritmos afrocaribenhos, identificamos, por exemplo, a relevante presença do circuito das academias de dança do Rio de Janeiro com esse grupo. Essa iniciativa funde música e dança “pelo corpo imantado por sonoridades, vocalidades, gestos, coreografias, adereços, desenhos e grafites, traços e cores, saberes e sabores” (MARTINS, 2021, p.41).

Seguindo os rastros do campo, deparamo-nos com o bloco Besame Mucho, fundado por mexicanos que já deixaram a cidade. O grupo, hoje gerido por cariocas e migrantes de outras áreas do Brasil e das Américas, revela a mobilidade dessas redes e seus actantes, que substituem-se e modificam suas ações para além de limites temporais. Nos termos de Latour (2021, p.86) “seu terreno de vida transbordará aos limites da simples projeção cartográfica”.

É também buscando ultrapassar possíveis limites estáticos no campo, que podemos adentrar nesse percurso errante para a escuta da sonoridade latina também dos estádios de futebol. Com eles, identificamos relevâncias migratórias de objetos, como os instrumentos. É o caso da sonoridade migrante do “bumbo de murga”: tambor importado de arquibancadas do Uruguai e da Argentina, incorporado às torcidas locais e que nos estádios cariocas propõe uma “sonoridade única que faz um símbolo da cultura popular Argentina ser tocado em forma de samba”⁷. Nessa linha, adentrando novamente os bares da cidade, podemos escutar uma “cumbia sambista” com o grupo Santa Clave, que mescla base rítmica de culturas musicais de países vizinhos para cantar clássicos musicais cariocas em um outro Rio de fronteiras múltiplas.

Considerações finais

Diante dessa breve apresentação e circulação errante por projetos distintos, podemos identificar como os arquipélagos e ilhas-redes sonoro-musicais das Américas

⁷ Depoimento de Nicolas Cabrera, pesquisador argentino e integrante de bandas musicais de torcidas argentinas. O trabalho realizado por Cabrera (2022) - assim como a sua entrevista para a nossa presente pesquisa - revelam como a murga é tida como instrumento fundamental no Carnaval e na cultura popular argentina, sendo ela incorporada aos estádios cariocas para produzir novas sonoridades possíveis a partir das torcidas “barra”.

no Rio reinventam sonoridades e modos de habitações de culturas bastardas (RINCON, 2016) para soar e criar novos formatos e modos de habitar a cidade. Eles vão muito além de comunidades específicas, mas se configuram entre possibilidades criativas de aglutinar e recriar a metrópole entre fronteiras da comunicação urbana e suas pontes de contato.

Referências

CABRERA, Nicolás. Que la cuenten como quieran: pelear, viajar y alentar en una barra del fútbol argentino. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2022.

CABANZO, Maria Pilar; HERSCHMANN, Micael. Contribuições do grupo musical Songoro Cosongo para o crescimento do carnaval de rua e das fanfarras cariocas no início do século XXI. In: Lumina (Juiz de Fora), v. 10, p. 1-16, 2016.

CABANZO, Maria Pilar; DANIEL, C. Negro Mendes y las disputas por la ciudad desde lo afro peruano. CSONLINE - REVISTA ELETRÔNICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, v. 33, p. 223-245, 2021.

FERNANDES, Cíntia Sanmartin.; BELART, Victor.; BARROSO, Flávia. Cidades arquipélagos: as metrópoles como sistemas abertos e um olhar a partir do Rio de Janeiro. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, [S. l.], v. 20, n. 37, 2021.

HARAWAY, Donna. Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno. São Paulo: n-1 edições, 2023.

HERSCHMANN, Micael; FERNANDES, Cíntia Sanmartin; JANOTTI JUNIOR, Jeder; FILHO, Jorge Cardoso; PEREIRA, Simone Luci. Cidades Musicais (In)Visíveis. Porto Alegre: Sulina, 2024. V2.

LACOMBE, Fabiano. HERSCHAMANN, Micael. In: HERSCHMANN...[et all]. Cidades Musicais (In) Visíveis. Porto Alegre: Sulina, 2024. V2.

LATOUR, Bruno. Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador: Edufba, 2012.

LATOUR, Bruno. Onde estou? – Lições do confinamento para uso dos terrestres. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2021.

MARTINS, Leda Maria. Performance do Tempo Espiral: poéticas do corpo-tela. 1 Ed. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2021.

PEREIRA, Simone Luci. HERSCHMANN, Micael. Circuitos latinos em SP e RJ: sentidos dos ativismos musicais migrantes. Revista Unisinos. v. 20 n. 2, 2018.

RINCÓN, Omar. O Popular na Comunicação: Culturas Bastardas + Cidadanias Celebrities. Revista Eco-Pós, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 27-49, 2016.